

Dando ouvidos às doenças ocupacionais

Prof. Dr. Everardo Andrade da Costa

Médico Otorrinolaringologista.

Mestre em Distúrbios da Comunicação pela PUC/SP.

Doutor em Saúde Coletiva pela FCM/UNICAMP.

Professor Colaborador da Disciplina de Otorrinolaringologia da FCM/UNICAMP.

Professor Colaborador do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da FCM/UNICAMP.

Coordenador do Comitê de Doenças Otorrinolaringológicas Relacionadas com o Trabalho, da Associação Brasileira de Otorrinolaringologia e Cirurgia Cérvico-Facial.

Membro do Comitê de Ruído e Conservação Auditiva, pela ABORL-CCF.

Sem sombra de dúvida, a garganta, o ouvido e o nariz são órgãos determinantes em nosso relacionamento com o mundo. E se deles dependemos em inúmeros momentos de nosso cotidiano, o que dizer das pessoas que se utilizam dessas partes do corpo em sua rotina profissional... Um professor – cuja fala é solicitada em cada aula, durante várias horas – um trabalhador da indústria que sacrifica sua audição, submetendo-a a ruídos excessivos, ou mesmo um perfumista, obrigado a conviver com os mais diversos aromas, fazem parte de uma categoria especial de profissionais para a qual a Otorrinolaringologia vem, cada vez mais, dedicando sua atenção.

Não é de hoje que o trabalho e a medicina caminham paralelamente e, se é fácil encontrarmos doenças que prejudicam a atividade profissional é, também, bastante comum relacionarmos o surgimento de algum problema de saúde com as condições inadequadas de ambiente de trabalho. Palavras como LER – Lesões por Esforço Repetitivo – e DORT – Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho – tornaram-se vocabulário comum nas empresas e



Prof. Dr. Everardo Andrade da Costa

é certo que os médicos do trabalho buscam, soluções eficazes para esses problemas.

Além disso, alguns segmentos da medicina, como a Otorrinolaringologia, têm trabalhado no sentido de minimizar e, até eliminar, as possíveis doenças que se relacionam à rotina dos trabalhadores. E é sobre esse assunto que o Prof. Dr. Everardo Andrade da Costa falou com exclusividade para a Acta ORL – Técnicas em Otorrinolaringologia.

Como Coordenador do Comitê de Doenças Otorrinolaringológicas Relacionadas com o Trabalho, da Associação Brasileira de Otorrinolaringologia e Cirurgia Cérvico-Facial, o Dr. Everardo esclareceu muitas dúvidas a respeito de como essa especialidade pode colaborar com a Medicina do Trabalho, melhorando a qualidade de vida de muitos profissionais.

1. Pode ser considerada uma novidade, a relação entre a Otorrinolaringologia e a Medicina do Trabalho?

Dr. Everardo: É novidade sim, mas chega bem atrasada. Em 1700, Bernardino Ramazzini, o pai da Medicina do Trabalho já advertia os médicos para que perguntassem sempre aos pacientes qual era a sua ocupação. Cabe lembrar que um adulto passa, em média, um terço de sua vida em ambientes de trabalho. Assim, qualquer doença pode interferir em sua produtividade laboral. E, ainda, em sentido oposto, muitas doenças podem surgir em consequência de condições inadequadas de trabalho. Só no campo da Otorrinolaringologia,

um Caderno de Debates que a Revista Brasileira de Otorrinolaringologia publicou, há dois anos, conta com uma listagem de doenças correlatas, ocupando 24 páginas! A lista é grande e o campo de trabalho que se descortina é imenso!

2. Como é que a Otorrinolaringologia descobriu esta área de trabalho?

Dr. Everardo: A Otorrinolaringologia não descobriu nada, ela foi descoberta. Os Médicos do Trabalho (estes sim, de uma especialidade novíssima) têm absoluta necessidade de opinar, de decidir, de intervir em situações de doenças de origem ocupacional e não podem atuar como especialistas em todas as áreas. Quando a doença é otorrinolaringológica, eles precisam da colaboração do especialista e têm solicitado nossos préstimos em escala crescente. O nosso desafio é estarmos preparados para atender à tão importante demanda.

3. E quais são essas doenças otorrinolaringológicas?

Dr. Everardo: A primeira delas é a perda auditiva induzida pelo ruído (PAIR). Como doença reconhecida, ela é quase pré-histórica, data da idade da forja dos metais. Aumentou muito seu contingente de pacientes com a invenção da pólvora, na Idade Média, e cresceu em volume e importância com a Revolução Industrial. As primeiras preocupações, no Brasil, surgiram nos anos 40 e 50, com o pessoal da aeronáutica. Depois ganhou as plantas industriais e hoje assedia um número incrível de ocupações. Nos anos 70, com as novas gerações de Médicos do Trabalho e Fonoaudiólogos, o conhecimento da doença e o aprimoramento da legislação regulamentadora cresceram, atingiram o apogeu no final da década de 90. A Otorrinolaringologia despertou, de fato, para a perda auditiva induzida pelo ruído, neste milênio. Mas já está atuando intensivamente, em fábricas, consultórios e nas perícias médicas.

4. E quais são as outras doenças otorrinolaringológicas relacionadas com o trabalho?

Dr. Everardo: Pela demanda, vêm logo depois as laringopatias que geram disfonia. O contingente de trabalhadores que usam a própria voz como ferramenta de trabalho é crescente e os portadores de disfônias de origem ocupacional representam, hoje, um pesado ônus para a sociedade. Diferentemente da perda auditiva, nós estamos nos antecipando à ocorrência da doença, para suportar a demanda prevista para nossos serviços. Por iniciativa da nossa Associação, uma numerosa equipe multiprofissional trabalhou, durante três anos, para elaborar um precioso

documento intitulado “Consenso Nacional sobre Voz Profissional”, publicado em suplemento da Rev.Bras.ORL (70-6, nov/dez 2004). Com este texto de 68 páginas, pretendemos instrumentalizar todos os profissionais que lidam com a Voz Profissional de trabalhadores, visando, além de um atendimento competente, a formular uma regulamentação legal, até agora inexistente, sobre a matéria.

5. Existem ainda outras doenças do trabalho com as quais o Otorrinolaringologista deva se preocupar?

Dr. Everardo: Sim e são muitas. A rinite alérgica, por sua ocorrência muito grande, constitui outro desafio. Primeiro, porque os agentes causadores agem em quantidades mínimas e, ainda assim, as reações podem ser muito grandes. Nestas situações, não basta reduzir a dose de exposição ao alérgeno, mas sim eliminá-lo de vez. E muitas vezes o agente causal é o próprio produto, como o trigo numa padaria ou um perfume na perfumaria. A maior dificuldade é que, muitas vezes, a alergia já vem de casa e se agrava no ambiente de trabalho! Com o câncer de cabeça e pescoço, as dificuldades são maiores ainda: os agentes também não dependem de dose-resposta, a exposição do trabalhador predisposto é sempre múltipla (leia-se cigarro, bebida, drogas e outros) e o período de latência entre a exposição e o surgimento da doença pode durar algumas décadas!

6. Para que mais o Otorrinolaringologista deve estar preparado?

Dr. Everardo: Outro grande contingente é o de trabalhadores de alturas e os que operam máquinas pesadas. Distúrbios do equilíbrio corporal podem gerar acidentes catastróficos. A especialidade estuda, hoje, como preveni-los e como triar os trabalhadores candidatos que tenham alguma predisposição para as doenças vestibulares, que seriam considerados de “alto risco”. Há ainda o outro lado, o das doenças vestibulares que podem ser geradas pelo contato dos trabalhadores com produtos vestibulotóxicos.

7. Faltou alguma?

Dr. Everardo: Muitas! Para uma próxima entrevista, há que se falar das anosmias, das perfurações de septo nasal, das hemorragias de origem ocupacional, das rinites, sinusites, estomatites, faringites e laringites provocadas por agentes físicos e químicos dos ambientes de trabalho. E, ainda que não sejam exatamente de nossa especialidade, as doenças de cavidade oral relacionadas com o trabalho, visto que a boca é passagem obrigatória para nossa atuação.